

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

### **ÁFRICA NA SALA DE AULA: CONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO**

Prof<sup>ª</sup>. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho- História  
Prefeitura Municipal de Campina Grande- PB

#### **1-INTRODUÇÃO**

Apresentamos a experiência de trabalho pedagógico com o projeto: África na Sala de Aula: Conhecimento e Valorização, desenvolvido com os educandos da E.E.E.F M<sup>a</sup> Emília de Oliveira Almeida na cidade de Campina Grande-PB, realizado entre 13 de fevereiro a 20 de junho de 2012. Esse projeto teve como referência o curso de formação Educação para as relações etnicorraciais, iniciado em janeiro de 2012, oferecido pela EaD-pb. Na ocasião a proposta era apenas a conclusão do curso, mas em cumprimento a lei 10.639/2003, optou-se em aplicá-lo na sala de aula nas turmas do EJA na referida escola, do 6º ao 9º ano..

O projeto foi apresentado as turmas que consideraram a proposta interessante e abraçaram a ideia de por em prática nas aulas de História essa temática. Houve a colaboração da professora do laboratório de informática da escola, que ajudou no registro das imagens com as fotografias, organizou o mapa do continente africano e na orientação dos alunos na pesquisa via internet. Também teve a participação do funcionário da sala de projeção ajudando no manuseio do data show e da professora de Educação Artística, contribuindo na culminância do projeto, organizando os painéis e os certificados. Os demais professores cederam algumas aulas para a conclusão das atividades pendentes.

Inicialmente foi diagnosticado um grande desafio nessa proposta, que é trabalhar um projeto de intervenção pedagógica, com educandos do EJA no turno da noite. Desde então buscou-se orientação teórica e metodológica nos livros específicos que pudessem viabilizar a prática desse projeto. Assim, encontramos que “dentro os desafios colocadas para a EJA, está o de possibilitar a inclusão da discussão sobre a questão racial não apenas como tema transversal ou disciplina do currículo, mas como discussão, problematização e vivências”. ( Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico –Raciais,2006,p.103). A partir daí constatou-se que o desafio é claro e notório, mas era preciso trilhar esse caminho, acreditando no sonho de Paulo Freire que dizia: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”(FREIRE, 2003, p.25).

Nessa perspectiva foram feitas as alterações teórica, metodológicas e reorganização das atividades para iniciar a aplicabilidade do projeto na rotina de trabalho. Além das aulas e atividades com os temas do projeto, também continuava as aulas estudando outros conteúdos do livro didático. O prazo de realização dos educandos foi lento em virtude das dificuldades que alguns apresentaram para concluírem as atividades propostas no decorrer da realização. Outra dificuldade foi a culminância do projeto, pois no mês de junho, em Campina Grande muitos alunos trabalhavam no Parque do Povo.

## **2- APLICABILIDADE DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS**

Na busca por uma proposta teórica metodológica, dinâmica que envolvesse os educandos, atraíssem a discussão dos temas propostos no projeto e respeitassem o ritmo de produção de cada aluno e sua autonomia, utilizou-se vários recursos adequando-os a diferentes métodos que possibilitaram que os alunos acompanhassem um mesmo conteúdo sob diferentes olhares o que permitam terem uma visão mais global sobre os temas estudados. E, portanto, sendo avaliados em todas as etapas das atividades realizadas que compôs o projeto.

Inicialmente foi priorizado o método interrogativo como forma de explorar a linguagem oral de cada educando, colocando-os como protagonistas do seu aprendizado. Foi oportunizada a participação do educando como forma de valorizar seu saber, o que pode ser constatado quando na realização da primeira atividade.

No primeiro encontro o objetivo foi apresentar o projeto e a Lei 10.639/2003 aos educandos, iniciado em 13 de fevereiro, explicando os objetivos do projeto que foram: Mostrar aos educandos através da realização das atividades as possibilidades de desconstruir as imagens negativas sobre o continente africano. Desconstruir os aspectos negativos sobre o povo afro brasileiro no sentido de criar novas relações de convivência e combate ao preconceito racial. Explicar a necessidade de construir uma nova imagem sobre a África o negro, transformando a escola num ambiente de respeito às diferenças. Demonstrar para os educandos a origem da nossa identidade afro brasileira e criar novas percepções de convivência e respeito com as diferenças raciais. Assim, foram iniciadas as atividades do projeto: *África na Sala de Aula: Conhecimento e Valorização*.

Em todos os momentos foram oportunizados aos alunos realizarem as atividades, inclusive os que faltavam à sequência das aulas. Esse é um dos grandes desafios do projeto com educandos do EJA. Pois a maioria trabalha, tem uma rotina cansativa,

desistem dos estudos, mas o que continuam demonstram interesse em concluir. E, conforme nos esclarece a LDB, A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 37º § 1º diz: “Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.”

Para atingir os objetivos gerais e específicos o elo condutor foram os seguintes conteúdos: *O que penso sobre a África? Combate a Discriminação Racial, Conhecendo o espaço geográfico do continente africano, Imagens da África no Cinema, A construção do Preconceito Racial, A construção histórica negativa sobre a África, Desconstruir a ideia de Preconceito Racial*. Esses envolveram conhecimentos de Geografia, Arte, Língua Portuguesa e História.

O desconhecimento dos alunos sobre o continente africano ficou visível nas respostas, quando os envolvidos entregaram as atividades escritas e todas as respostas, eram do tipo: “A África é um país em desenvolvimento (...)”. Outro disse: “Penso que a África é um país de cultura, mas também é um local de pobres e é habitado por vários negros (...)” Outra informa: “África é um país muito rico, mas a televisão só mostra as coisas feias e ruins, lá é cheio de animais selvagens muito bonito(...)”. Diante das respostas ficou claro que os alunos tinham um conhecimento prévio do que seja a África, mediante o que a mídia divulgava, mas não dominavam o conceito espacial da geografia diferenciando um país do continente. Com essa constatação surgia a primeira problematização: Como formar cidadãos conscientes e anti racistas para respeitar e valorizar o que eles nem sabia o que é? Assim, começa fazer sentido e ser tão oportuno o nome do nosso projeto: Conhecimento e valorização. Como valorizar o que não se conhece? Eis nossas variáveis.

Inicialmente, foi oportunizada a reflexão aos alunos a partir das respostas dadas no primeiro questionamento através de uma aula expositiva. Essa proposta era fundamentada na dialética do conhecimento de Freire, que sempre defendeu que a escola pode deixar de ser um espaço de reprodução do conhecimento para ser o espaço de criação e recriação do conhecimento. Evidenciando o que diz: Freire “sem o diálogo não há comunicação e sem está não há a verdadeira educação”. (FREIRE, p.83,1987).

Como forma de assegurar a compreensão aos educandos à noção espacial que a África é um continente e ampliar seu conhecimento, realizou-se uma pesquisa sobre o continente africano no laboratório de informática da escola no site <http://www2.luventicus.org/mapaspt/africa>. Era visível nas falas dos educandos nessas

aulas, a emoção em participar de uma aula diferente. A concretização só foi possível também mediante o uso dos suportes tecnológicos que vai desde o lápis até o computador, visto que segundo Perrenoud:

“a escola não pode ignorar o que se passa no mundo, pois as novas tecnologias da informação e comunicação “transformam espetacularmente não só, a maneira de comunicação, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar”... não ficar atenta a essas modificações, se desqualificará. O desafio atual é enfrentar a chamada ‘era da telemática’, na qual se unem as telecomunicações e a informática, e que, com todas as suas possibilidades técnicas, fortalece o sistema educacional e aponta para uma nova sociedade. Rompendo velhos paradigmas, e abrindo novos espaços para a nova era midiática. PERRENOUD (p.125,2000.)

Com a planta baixa do mapa do continente africano, eles puderam registrar os nomes dos países e a divisão regional da África. Essa atividade os possibilitou além de identificar e constatar a dimensão territorial do continente, constatarem a composição desse espaço em 54 países, dividido em 05 regiões e perceberem também o uso do computador como ferramenta adequada ao processo de aprendizagem.

Assim o computador foi utilizado com ferramenta pedagógica capaz de potencializar a aprendizagem com a metodologia de aula/pesquisa, defendida por Moran.

“Podemos transformar uma parte das aulas/pesquisas em processos contínuos de informação, comunicação e de pesquisa, aonde vamos construindo o conhecimento equilibrando o individual e o grupal, entre o professor-coordenador-facilitador e os alunos-participantes ativos”. (MORAN,2000).

Os educandos se apropriaram da tecnologia como meio para atingir novos níveis de conhecimento. Nesse sentido a aprendizagem ocorreu com a interação entre os educandos e o objeto do conhecimento, dentro de um contexto com sentido e significado. Essa atividade proporcionou uma representação espacial da África, pois o uso de mapa é um valioso instrumento visual dessa representação e um elemento mediador entre a geografia e o conhecimento histórico. Segundo Molina:

“Como documento visual, o mapa é portador de elementos significativos para a compreensão de movimentos de expansão territorial, mas, também, podemos vê-los como condensadores de um olhar sobre o mundo [...]” (MOLINA, 2003, p.1).

Na realização da segunda etapa do projeto referente ao dia 21 de março - *Dia Internacional contra a Discriminação Racial*. Para realizar a atividade pertinente a essa data foi realizada uma exposição oral explicando que era discriminação racial e o

porquê dessa data. Depois como forma de constatar a compreensão dos educandos criaram um desenho e uma frase que representando uma contestação a discriminação racial. Portanto, a partir do método dialógico de Paulo Freire, os educandos desenharam e construíram frases considerando o que foi explicado na sala sobre o tema. Com essa atividade o processo educativo foi desencadeado por uma questão, que favoreceu a análise, a interpretação e a crítica, como confronto de pontos de vista entre os educandos que registraram através dos diferentes signos ( Vygostky), como compreensão do contexto histórico exposto. Destacamos algumas frases: “*O preconceito da cor é injusto e causa muito sofrimento as pessoas*” (Roberta). “*A discriminação é desumana. Precisamos ser iguais em respeito*”(Eliane)” “*Enquanto aos tolos pode ser legal discriminar, a outros causa muito sofrimento.*”( Yane Brenda).

Através do método demonstrativo foi instigado a percepção dos educandos para observar através da linguagem cinematográfica como são construídas as imagens negativas sobre o continente africano. Para isso, foi exibida uma cena do filme: “*Amor sem Fronteiras*” servindo para ilustrar e esclarecer a temática em questão, que era observar: Imagens da África no cinema, apresentadas no filme.

Após a exibição, os alunos foram questionados sobre o que compreenderam da cena. Depois foi solicitado que assistissem em casa ao filme completo e trouxessem o relato. Nessa atividade, puderam exercer a habilidade de percepção das diferentes linguagens do filme: a falada e a visual, representadas na sua narrativa escrita. Esse desafio foi interessante na construção de uma prática de ensino reflexivo e dinâmico. E, conforme nos esclarece Napolitano, “trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (NAPOLITANO, p. 11-12, 2008) .

Para discutir o tema preconceito racial foi viável o uso do método dialético, onde os educandos puderam discutir o tema *Preconceito Racial* a partir do conteúdo histórico apresentado no DVD-*Preconceito Racial Infantil*. Foi solicitado que observassem as imagens e as respostas das crianças. Depois fizeram a exposição oral sobre o que entenderam. Muitos demonstraram surpresas e inquietações com as respostas dadas pelas crianças ao serem interrogadas no DVD. Nessa atividade foi importante a reflexão crítica sobre o tema da aula, constatado na produção textual dos alunos, apresentando os aspectos sobre o preconceito racial. Ficou claro para os alunos nessa exibição que a ideia de preconceito racial é uma concepção de valor historicamente e culturalmente construídos na sociedade e que afeta de forma negativa os indivíduos desde a infância.

Nos diversos caminhos pedagógicos do projeto, foram priorizadas atividades criativas para motivar os educandos a participarem de todas as etapas planejadas. Para isso o uso das tecnologias de informação e comunicação tornou-se ferramenta indispensável na melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Para explicar como foram construídas as imagens negativas sobre a História da África, foi usado pausadamente como recurso norteador das discussões o DVD-A Cor da Cultura, com o tema: *África no currículo escolar*. Essa prática tornou a apresentação do DVD mais dinâmica, possibilitando a participação do educando para construir novos conhecimentos, pondo em prática a metodologia interativa, dialógica e significativa. Durante a exibição os educandos puderam constatar que a história africana ensinada nos livros didáticos parte de uma visão eurocêntrica, que sempre negou a história, a diversidade e os valores étnicos raciais do continente africano e sua real contribuição para a formação da história, do povo e da cultura brasileira.

Ficou claro, com essa atividade que não se tratava de negar os reais problemas que são visíveis no continente africano, mas observar que nem tudo na África é pobreza, fome e miséria. Foi esclarecido que as dificuldades enfrentadas em partes do território africano são resultado da política expansionista europeia pautada por interesses econômicos. Resultando inclusive na escravização de muitos seres humanos, durante a história colonial do Brasil.

Finalmente, para constatar se os alunos conseguiram ressignificar os valores sobre a África, o negro e promover a conscientização contra o preconceito racial foi solicitado como produto final a produção de um acróstico. Portanto, os alunos em dupla ou individual de acordo com interesse, respeitando o ritmo de produção conforme as dificuldades de cada um dos envolvidos iniciaram na sala de aula escrevendo no caderno o seu acróstico com a palavra *Preconceito Racial*. Essa produção foi realizada no prazo de três aulas cada turma, sendo os alunos orientados individual na reescrita de cada produção textual, sempre respeitando a ideia inicial e a intencionalidade da produção dos educandos. O referencial lúdico nessa atividade se fundamenta no aspecto livre e criativo de interação entre os educandos, apresentado em Rubens Alves “O lúdico se baseia na atualidade, ocupa-se do aqui e do agora, não prepara para o futuro inexistente. Sendo o hoje a semente de qual germinará o amanhã, podemos dizer que o lúdico favorece a utopia, a construção do futuro a partir do presente”. (ALVES, 1987).

Assim, os educandos puderam registrar sua criatividade e imaginação, que foram constatadas na realização da atividade. Nessa metodologia, jovens e adultos construíram uma mensagem a ser transmitida sobre o tema em discussão, de respeito e

valorização do negro, da cultura afro brasileira e contra as práticas de preconceito raciais.

### **3- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse projeto foi resultado de uma ousadia pedagógica na escola no contexto de trabalhar com turma do EJA a temática a África, a identidade negra, o preconceito racial. Temas que ainda não tinham sido abordados na perspectiva da lei 10.639/2003. Os objetivos foram alcançados, e pode ser constatados nos discursos dos educandos tanto escrito quando verbal sobre seu aprendizado. Porém, ficou claro que apenas foi plantada uma semente e que muitas coisas precisam ser feitas para que sejam quebrados os grilhões do preconceito racial que ainda persistem na nossa sociedade. É preciso continuar a discussão sistemática das relações étnico-raciais, da história e cultura africanas e afro-brasileiras, como forma de conscientização crítica contra as desigualdades históricas, culturais, econômicas e sociais que ainda incidem sobre a população negra em nosso país.

Portanto, considerando os fundamentos teóricos que embasaram o projeto esse trabalho foi importante em diversos aspectos: O primeiro foi proporcionar aos educandos desenvolver mais, as habilidades da leitura e da escrita, a recontextualização da aprendizagem, onde educandos puderam agir com autonomia e criatividade no decorrer da realização da produção do acróstico como produto final do projeto. E como reconhecimento da efetiva participação dos educandos e também como registro documental da aplicabilidade das estratégias pedagógicas da lei 10.639/2003, foram entregues no dia 17 de outubro um certificado de participação para todos.

### **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Rubem. A gestação do futuro. Campinas: Papirus, 1987.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *Proposta Curricular para a educação de Jovem e adultos: alunos e alunas de EJA.*

BRASÍLIA: MEC/SEF. 2001.

BRASIL, LDB. Congresso Nacional. Lei nº 9394 de 20.12.98 *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.* Brasília, 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacional: história /Secretaria de Educação Fundamental- Brasília: MEC/SEF, 1998.

BITTENCOURT, Circe (org). *O saber histórico na sala de aula*. 7º ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CASTELLS, Manuel - *Sociedade em Rede: a Era da Informação, Economia..* - V. 1 São Paulo: Paz e Terra. 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. 28ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. São Paulo: Papirus, 2003.

FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MOLINA, A. H. *Mapas históricos: alguns apontamentos e uma abordagem pedagógica*. Disponível em: <[http://www.anpuh.uepg.br/xxiiisimposio/anais/textos/ANA %20HELOISA%20MOLINA%201.pdf](http://www.anpuh.uepg.br/xxiiisimposio/anais/textos/ANA%20HELOISA%20MOLINA%201.pdf)>. jul. 2007.  
(pesquisado em 10 fev. 2012.)

MUNANGA, K; GOMES, N. L. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. São Paulo, Papirus Editora, 2000.

NAPOLITANO, Marco. *Como usar o cinema na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

REGO, T.C.R. *Vygotsky, uma perspectiva histórico-cultural da Educação*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 50-70 ( <http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/>  
(pesquisado em 4 de fev. 2012).

SECAD- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade- *Coleção Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos*- Brasília: MEC/SECAD, 2006.p.36